

EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p205-218



A CONVERSA *ONLINE* COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO NA PESQUISA COM MASCULINIDADES DISSIDENTES NA CIBERCULTURA: NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

ONLINE CONVERSATIONS AS A METHODOLOGICAL APPROACH
IN THE RESEARCH ON DISSIDENTING MASCULINITIES IN
CYBERCULTURE: THEORETICAL-METHODOLOGICAL NOTES

LA CONVERSACIÓN EN LÍNEA COMO PROCEDIMIENTO
METODOLÓGICO EN LA INVESTIGACIÓN CON MASCULINIDADES
DISIDENTES EN CIBERCULTURA: NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Ruann Moutinho Ruani¹
Dilton Ribeiro Couto Junior²
Ivan Amaro³

DOSSIÊ:

"CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE
CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS"

RESUMO

Este trabalho é parte das reflexões que vêm sendo desenvolvidas em pesquisa de mestrado em educação em andamento. A pesquisa, ainda em fase inicial, apresenta como objetivo investigar como as normas regulatórias de gênero e sexo agem na constituição das masculinidades de pessoas auto-proclamadas *gays* usuárias de aplicativos de pegação/namoro. Este texto, de cunho teórico, é um recorte desta pesquisa e se propõe a apresentar notas teórico-metodológicas que evidenciam alguns dos desafios da produção de conhecimento no campo de estudos de gênero e sexualidade no contexto das dinâmicas ciberculturais. Mais especificamente, nosso foco é discutir sobre a importância da conversa on-line como procedimento metodológico na pesquisa que adota o ciberespaço para o desenvolvimento do trabalho de campo. Ao longo do trabalho, buscamos ressignificar o papel dos sujeitos participantes das pesquisas, entendendo-os como coautores no processo de construção do conhecimento, refletindo também sobre as especificidades do digital em rede nos estudos de gênero. Nossa aposta, durante o trabalho de campo da pesquisa, vem sendo reconhecer a conversa on-line como procedimento metodológico alinhado com uma dimensão dialógica e de alteridade que prima pela horizontalidade das vozes na interação com homens *gays* que performatizam masculinidades dissidentes.

PALAVRAS-CHAVE

Masculinidades. Cibercultura. Metodologia.
Conversa on-line.

ABSTRACT

This work is part of an ongoing Master's research project in the field of Education. The research, still in its early stage, aims to investigate how gender and sex regulatory norms act in the constitution of the masculinities of gay people who use dating apps. As a result, this paper aims to present theoretical and methodological notes that highlight some of the challenges of thinking about the production of knowledge in the field of gender and sexuality studies in the context of the dynamics of cyberculture. More specifically, our focus is to discuss the importance of online conversations as a method of analysis that uses the cyberspace to develop the fieldwork experience. Throughout this paper, we seek to redefine the role of the research subjects, by understanding them as coauthors in the process of knowledge construction, and by reflecting on the specificities of digital networking in gender studies. Our focus during the research's fieldwork has been to recognize online conversations as a methodological approach aligned with the dimensions of dialogic and otherness that strive for the horizontality of voices in the interaction with gay men who perform dissenting masculinities.

KEYWORDS

Masculinities. Cyberculture. Methodology. Online Conversations.

RESUMEN

Este trabajo es parte de las reflexiones que se han desarrollado en la investigación de maestría en educación en progreso. La investigación, que aún se encuentra en la fase inicial, tiene como objetivo investigar cómo las normas reguladoras de género y sexo actúan en la constitución de las masculinidades de personas autoproclamadas *gays* que utilizan aplicaciones de citas. Este texto teórico es un recorte de esta investigación y propone presentar notas teórico-metodológicas que resaltan algunos de los desafíos de pensar sobre la producción de conocimiento en el campo de los estudios de género y sexualidad en el contexto de las dinámicas ciberculturales. Más específicamente, nuestro enfoque es discutir la importancia de la conversación en línea como un procedimiento metodológico en la investigación que adopta el ciberespacio para el desarrollo del trabajo de campo. A lo largo del trabajo, buscamos resignificar el papel de los sujetos que participan en la investigación, entendiéndolos como coautores en el proceso de construcción del conocimiento y también reflejando sobre las especificidades de la red digital en los estudios de género. Nuestro enfoque durante el trabajo de investigación de campo ha sido reconocer la conversación en línea como un procedimiento metodológico alineado con una dimensión dialógica y de alteridad que se destaca por la horizontalidad de las voces en la interacción con hombres *gays* que desempeñan sus masculinidades disidentes.

PALABRAS CLAVE

masculinidades; cibercultura; metodologia; conversación en línea.

1 PESQUISA COM GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Entrevistas presenciais, diário de campo e observação participante constituem-se procedimentos metodológicos muito utilizados na pesquisa em educação. Esses procedimentos à disposição das/os pesquisadoras/es permitem que o material empírico seja produzido, fornecendo pistas que nos convidam a (re)pensar sobre a complexa trama dos acontecimentos sociais cotidianos *dentrofora*⁴ da escola.

Mais recentemente, com a emergência e popularização dos dispositivos digitais com acesso à internet, vimos percebendo o quanto as investigações também podem focalizar seus esforços analíticos para além das interações presenciais. Consideramos que “imagens e vídeos digitais, *upload*, *download*, *hiperlinks*, aplicativos (apps), mobilidade, ubiquidade, *Web 2.0*, *chat*, redes sociais online etc., fazem parte da cena contemporânea, na qual as práticas sociais vêm cada vez mais sendo mediadas pelas tecnologias digitais em rede” (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017, p. 25, grifos dos autores).

Como pesquisadores do campo de estudos de gênero e sexualidade que investigam no âmbito das dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede, vimos adentrando o cenário sociotécnico da cibercultura para conhecer melhor a forma como usuárias/os geograficamente dispersas/os, aprendem-ensinam com seus pares a partir da participação em processos comunicacionais interativos em/na rede.

A complexidade de formas com as quais podemos pesquisar e analisar os diferentes acontecimentos sociais não comporta “receituários” teórico-metodológicos de “como fazer”, pelo contrário. Nos alinhamos com a abordagem pós-estrutural e reiteramos que nossa preocupação não recai tanto sobre a busca pelas respostas, nos preocupamos “mais em descrever e problematizar processos por meio dos quais significados e saberes específicos são produzidos” (MEYER, 2014, p. 53).

Para isso, problematizamos os discursos naturalizados e generalistas e entendemos que a produção de conhecimento nos fornece pistas provisórias para uma melhor compreensão de nosso objeto de estudo (MEYER, 2014). Ademais, pesquisamos, interrogando os conhecimentos, nos colocando sempre abertos para inventar novos percursos metodológicos de forma a “recomeçar, ressignificar ou incluir novos pontos de vista” (PARAÍSO, 2014, p. 44) na medida em que a investigação é desenvolvida.

4 Ao longo deste texto, adotando uma perspectiva pós-estrutural, optamos por adotar o uso aglutinado de algumas palavras indicando nossa intencionalidade “de transgredir as dicotomias herdadas pelo modelo de pesquisa produzido dentro do discurso hegemônico do paradigma moderno” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 47). No caso em questão, o termo *dentrofora* busca justamente enfatizar que os acontecimentos a que estamos nos referindo, especialmente do processo de formação do indivíduo, não pode ser pensado de forma separada, entre o cotidiano escolar e o não escolar, mas sim a partir de uma interdependência, onde o dentro e o fora se misturam e constroem juntos.

A questão que nos acompanha na pesquisa de mestrado em educação em andamento⁵ é refletir sobre como as normas regulatórias de gênero e sexo agem na constituição das masculinidades de pessoas autoproclamadas *gays* usuárias de aplicativos de pegação/namoro. Este texto, de cunho teórico, é um recorte desta pesquisa e se propõe a apresentar notas teórico-metodológicas que evidenciam alguns dos desafios da produção de conhecimento no campo de estudos de gênero e sexualidade, no contexto das dinâmicas ciber culturais.

Mais especificamente, nosso foco aqui é discutir a importância da conversa on-line como procedimento metodológico na pesquisa que adota o ciberespaço para o desenvolvimento do trabalho de campo. Afinal, conforme Sampaio, Ribeiro e Souza (2018, p. 25, grifos dos autores), a conversa é parte do convívio diário do ser humano e pode ser estabelecida de formas diversas: “conversas fiadas, afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas; provocativas, emotivas, alegres, tristes. [...] Conversamos enquanto estudamos, enquanto *aprendemos ensinamos*. Por que não enquanto pesquisamos?”.

Nossa aposta metodológica não é romper com os procedimentos metodológicos com os quais estamos familiarizados ou desprestigiar a opção pelos espaços físicos das instituições educacionais como campo empírico. Longe disso, nossa aposta com o presente texto é pensar o uso de novas potencialidades metodológicas que emergem com a conversação mediada pelo digital em rede, o que não implica em desconsiderarmos as potencializadas das interações face a face, tampouco reconhecermos que o/ pesquisador/a que adota o ciberespaço como campo empírico não possa também adotar as interações face a face no desenrolar do trabalho de campo.

Assim, não se trata de, necessariamente, optar por estabelecer conversas mediadas pelo computador ou interagir presencialmente com as/os participantes da pesquisa. Concordamos com Paraíso (2014, p. 43) ao afirmar que “não podemos ficar reféns dos procedimentos de pesquisa que dominamos e que muitas vezes nos dominam”. Caso contrário, a própria forma de fazer pesquisa acaba tornando-se uma espécie de “camisa de força” pela tentativa inconsequente de adequar o objeto de pesquisa à metodologia.

Juntando-nos a Bourdieu (2007), buscamos fugir dos “cães de guarda metodológicos” quando busca sufocar potência investigativas em um método, ou melhor, “no método”. O modo de realizar nossas pesquisas possibilita nos movermos no difícil terreno de “cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias” (PARAÍSO, 2014, p. 33) já que não se sustenta em uma teoria única fundamental. Em tempos de cibercultura, os processos comunicacionais que ocorrem no ciberespaço exigem o esforço de que sejamos capazes de (re)criar teorias, métodos e técnicas, hibridizando-os de tal forma a atender nossas questões/inquietações investigativas (GUTIERREZ, 2009).

Para um olhar atento às dinâmicas de sociabilidade mediadas pelo digital em rede, partimos do pressuposto de que as “possibilidades interativas e hipertextuais graças à potência trazida pela linguagem digital [...] revoluciona as formas de registro e de comunicação entre os indivíduos” (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018, p. 119).

⁵ O trabalho vem sendo desenvolvido pelo primeiro autor do texto, enquanto que o segundo autor vem orientando a pesquisa.

Com a chamada “liberação da palavra” constituinte das interações mediadas pelo digital em rede, as interlocuções ganharam maior dinamismo pela possibilidade de todas/os as/os usuárias/os serem emissoras/es em potencial de informação para a rede (LEMOS; LÉVY, 2010). O digital em rede configura-se como um espaço onde as informações/opiniões são compartilhadas de modo a construir redes de interação que abrem possibilidades praticamente ilimitadas para circulação e construção de novos conhecimentos (AMARO, 2016; COUTO JUNIOR, 2013; LEMOS; LÉVY, 2010).

A investigação em curso aposta na conversa on-line como pressuposto metodológico, pesquisando com homens que performatizam masculinidades dissidentes das normas regulatórias de gênero. Entendemos a dissidência como tudo o que escapa, ou seja, corpos, gêneros e sexualidades que se encontram em inconformidade com a norma vigente (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018).

Butler (2015) considera o gênero como uma enunciação performativa, perspectiva que caminha em oposição à lógica biologizante. Essa lógica, ao focalizar na parte anatômica para diferenciar/hierarquizar/enquadrar corpos e gêneros em categorias estáticas e limitantes, desconsidera a linguagem e o discurso na forma como construímos nossas identificações.

Para Butler (2015, p. 44), certas identidades de gênero e sexo constituem-se como “meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade”. Investigar a performatização das masculinidades dissidentes é reconhecer que não existe uma única forma de ser homem e que a constituição das masculinidades evidencia a fragilidade do regime heterocentrado (SILVA JUNIOR; BRITO, 2018).

A masculinidade, como objeto de estudo, emergiu no final da década de 1980, a partir de trabalhos que foram escritos, principalmente por mulheres pesquisadoras do campo das Ciências Humanas e Sociais. Esses pesquisadores dedicavam seus esforços analíticos em discussões voltadas para a crítica em torno do masculino e do homem como “faces malditas” das desigualdades sociais e subordinações sofridas às mulheres nas relações sociais cotidianas (MEDRADO; LYRA, 2008).

A segunda metade da década de 1990 inaugura o aprofundamento do tema das masculinidades a partir de um conjunto de publicações importantes como o livro *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, publicado em 2005 e escrito por Robert (agora Rayween) Connell, Jeff Hearn e Michael Kimmel.

De acordo com Medrado e Lyra (2008, p. 810), essa obra evidencia quatro análises distintas que o campo de estudos da masculinidade vêm se detendo, a saber: 1) a forma como as masculinidades são organizadas socialmente; 2) o modo como os homens compreendem e expressam “identidades de gênero”; 3) as interações entre homens e entre homens e mulheres; 4) a construção das masculinidades em/por relações institucionais.

Gênero é uma categoria relacional (NICHOLSON, 2000) e, portanto, imbricada nos estudos das masculinidades. Nosso compromisso ético no campo de estudos de gênero e sexualidade, com ênfase na investigação das masculinidades, recai sobre a necessidade de problematizar o quanto nossos corpos e gêneros são bombardeados por expectativas sociais que vamos aprendendo a conhecer desde crianças.

Conforme apontam Bello e Felipe (2010, p. 179), “desde muito cedo, os meninos já possuem seus códigos de como ser sujeitos masculinos, tendo um arsenal de informações que os credenciam a dizer se são homens, se são machos, se não são meninas, nem bichas, nem mulherzinhas”. Dessa forma, como a conversa com homens que performatizam masculinidades dissidentes podem nos fornecer pistas para subverter/problematizar os pilares que sustentam a supremacia da heteronormatividade?

Como as normas regulatórias agem na constituição de suas masculinidades e como essas normas atravessam suas vidas cotidianas? Essas são algumas das questões fundamentais que orientam, provisoriamente, nosso olhar durante o trabalho de campo, na tentativa de que reflexões potentes sejam tecidas com o objetivo de expor os limites e as contingências das normas regulatórias na constituição das masculinidades que “escapam” do socialmente esperado.

A seguir, discutimos o uso da conversa on-line como procedimento metodológico, focalizando em discussões acerca do dialogismo, alteridade e ética, aspectos teórico-metodológicos fundantes na forma como vimos, pensando a relação estabelecida com os sujeitos durante o trabalho de campo.

Posteriormente, discutimos algumas especificidades do ciberespaço como *lôcus* da pesquisa com homens *gays*. Por fim, indicamos breves reflexões provisórias que revelam nosso interesse pela pesquisa com as masculinidades dissidentes na cibercultura, desde já, reforçando as potencialidades e os desafios de se produzir conhecimento para o campo de estudos de gênero e sexualidade no contexto das dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede.

2 DIALOGISMO, ALTERIDADE E ÉTICA NA CONVERSA *ONLINE*

A dinamicidade comunicacional da internet para interagir com sujeitos geograficamente dispersos nos convida a (re)pensar estratégias metodológicas na forma como a troca de saberes ocorre. Na investigação em curso, uma das questões iniciais levantadas foi: seria a entrevista o procedimento mais adequado a ser adotado em um contexto no qual pesquisador e sujeitos encontram-se geograficamente dispersos? Somando-se a isso, nos questionamos sobre o fato do pesquisador e sujeitos interagirem, simultaneamente, em espaços comunicacionais dinâmicos cuja formalidade do que se comumente entende por “entrevista” poderia, de certa forma, desencorajar a participação dos sujeitos já no início do trabalho de campo.

Em vista de se constituir uma pesquisa cujo processo comunicacional é mediado pelo digital em rede, precisávamos ressignificar termos comumente utilizados na pesquisa em educação sem, no entanto, perder o que Paraíso (2014) apresenta como características fundamentais de toda investigação: rigor (sem rigidez) e inventividade.

Entendemos que existem muitas estratégias metodológicas na produção de conhecimento, mas optamos pela conversa on-line porque este procedimento abre possibilidades para que uma diversidade de vozes e reflexões sejam tecidas com os sujeitos, independente da formação ou inserção sociocultural dos participantes do estudo. Dessa forma, conversar em/na rede com outros sujeitos nos abre caminhos para romper com o tempo e o espaço, na medida em que entramos em contato com pessoas de praticamente todas as localidades do mundo a qualquer momento do dia (SANTAELLA, 2013).

Com Skliar (2018, p. 12), aprendemos que a conversa também pode sair da perspectiva do mero aprofundamento de um determinado assunto, passando a valorizar a produção de sentidos de seus participantes mediante as questões levantadas: “conversa-se não tanto um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais”.

Com isso, nosso agir ético é exercitado mediante a adoção de uma postura dialógica e de alteridade que problematiza, em parceria com os sujeitos, os acontecimentos da vida social e reconhece, de antemão, o quanto as palavras nos afetam e o quanto somos afetados pelas palavras dos outros (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017).

Cabe reiterar aqui que a ética perpassa todas as etapas da pesquisa, incluindo o modo como a/o pesquisador/a vê-sente o mundo, as palavras que escolhe na escrita do texto às perguntas que lança para seu objeto de estudo (ZAGO, 2009). Sobre este último ponto, Zago (2009) argumenta que os aspectos éticos atravessam as perguntas lançadas para o objeto de estudo: “pergunto *algumas* coisas e silencio [...] outras, da mesma forma com que vejo e saliento algumas coisas e permaneço cego em relação a outras várias” (ZAGO, 2009, p. 36, grifo do autor).

Para Fischer (2003), pesquisar é lutar por uma visão e realidade específicas, cuja ação sempre se relaciona com a linguagem. Dessa forma, lutas discursivas presentes nas interações humanas dizem respeito a escolhas, conscientes ou não, de se posicionar frente à sociedade (FISCHER, 2003).

Apostamos na conversa on-line nos alinhando com uma concepção de fazer pesquisa ancorada no princípio da horizontalidade das vozes, ou seja, partimos do pressuposto de que pesquisador e sujeitos dialogam em pé de igualdade (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017; SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Dessa forma, reconhecemos a parceria do outro como um aspecto imprescindível na produção de conhecimento, com a conversa que visa a criação de redes de interações entre indivíduos, abertas, imprevisíveis, que interconectam contextos socioculturais distintos. A conversa “demanda de nós uma relação de alteridade, uma atitude de empatia, e não de submissão ou de opressão” (FERRAÇO, ALVES, 2018, p. 42).

Neste contexto, a conversa nos parece adequada e coerente à forma como buscamos conduzir a pesquisa de campo em parceria com os sujeitos. Caminhamos na contramão da ideia de que o/a pesquisador/a é o dono do saber e os sujeitos obrigatoriamente saberiam menos. Pesquisar de forma dialógica e alteritária requer superar a ideia de uma entrevista rigidamente estruturada, em que entrevistado e entrevistador possuem papel estabelecidos e as informações fluem de acordo com um roteiro previamente formulado, com pouco ou nenhum espaço para a (re)formulação das questões já definidas (SAMPALIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018).

Para romper com essa assimetria entre pesquisador/a e sujeitos, nosso desafio é tornar o intercâmbio de ideias com o outro menos verticalizado, colocando em prática uma postura dialógica e de alteridade que priorize a construção de relações horizontais na forma como procedemos na interação com o outro.

Conversar com pessoas que performatizam masculinidades dissidentes requer um olhar sensível do pesquisador porque envolve a discussão da reiteração de normas regulatórias que mantém em funcionamento o que Bento (2011) denomina de heteroterrorismo, ou seja, enunciados comumente produzidos *dentrofora* da escola que incentivam/inibem determinados comportamentos para cada um dos gêneros.

Para os heteroterroristas, a maior angústia talvez seja lembrar que existem gêneros e sexualidades para além da(o) menina/menino e homo/heterossexualidade, aspectos que, como pesquisadores

do campo de estudos de gênero e sexualidade, precisam ser destacados/problematizados com os sujeitos durante o trabalho de campo.

Nesta perspectiva, tendo em mente que o trabalho tem como foco as expressões múltiplas de masculinidades, os aspectos simbólicos inerentes ao que Bourdieu (2016) denominou por dominação masculina, uma forma particular de violência simbólica, serão possíveis não apenas de serem identificados nas falas dos participantes da pesquisa, mas também (re)pensados entre si quer nos aspectos que promovam a reprodução, quer nos de rompimento, da relação dicotômica tradicional da representação do masculino.

A opção de conversar ao longo da pesquisa busca a máxima defendida, em linhas pós-estruturalistas, de promover o estranhamento dos acontecimentos sociais com os quais já estamos (supostamente) habituados a vivenciar. Entendemos o “estranhamento” aqui conforme a perspectiva de Zago (2009, p. 208), para quem em muitos momentos precisou se afastar do objeto de estudo com a intenção de “deixar o mato crescer”. De acordo com ele, “a implicação e o desejo em relação ao meu objeto, aos sujeitos da minha pesquisa, eram demasiadamente familiares para mim. Precisei apartar-me desta família, desfazer-me desta família. Precisei exilar-me do desejo” (ZAGO, 2009, p. 208).

Esse afastamento foi necessário em sua pesquisa de mestrado, que interpretou as representações de corpo, masculinidade e sexualidade de perfis de homens disponibilizados em um *site* de relacionamento. Na ocasião, afastar-se de seu objeto significava que ele precisava deixar as ideias multiplicarem-se e deixar a excitação dar lugar à problematização.

Nossa aposta metodológica é (re)criar múltiplas possibilidades investigativas que nos permitam produzir conhecimento na pesquisa em educação de forma a considerar outros *espaçostempos* na interação com os sujeitos que, nesta investigação, são as dinâmicas comunicacionais mediadas pelo digital em rede.

Para além das potencialidades metodológicas elencadas, o diálogo irradia um horizonte de possibilidades de construções coletivas do conhecimento. Uma relação horizontalizada estabelecida durante o trabalho de campo significa que “o pesquisador não mais é o único a fazer perguntas, mas os próprios entrevistados têm a possibilidade de participar ativamente na elaboração de outras questões que considerem igualmente importante” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 71).

Os participantes da conversa assumem, assim, um papel ativo na construção da pesquisa, são co-autores das tramas narrativas tecidas no decorrer das dinâmicas comunicacionais mediadas pelo digital em rede. A relação dialógica e de alteridade, muito mais que método, baliza eticamente a forma com a qual construímos os laços sociais e afetivos com os sujeitos. O conversar configura-se, assim, como um convite à reflexão coletiva porque potencializa o intercâmbio de experiências de pessoas que performatizam masculinidades dissidentes das normas regulatórias vigentes.

3 O CIBERESPAÇO COMO *LÓCUS* DA PESQUISA COM HOMENS *GAYS*: POR QUE NÃO?

A cibercultura é caracterizada pelo envolvimento de múltiplos atores e possibilidades próprias de interações onde as miríades de possibilidade de expressão afloram (LEMOS; LÉVY, 2010). É neste ambiente que identidades são constituídas no âmbito de dinâmicas comunicacionais que

envolvem a produção e o compartilhamento de conteúdo e momentos de interação vivenciadas colaborativamente (RALEIRAS, 2009).

Quais informações homens *gays* produzem, compartilham e acessam na rede? Como essas pessoas articulam-se com seus pares na constituição de espaços de sociabilidade mediados pelo digital em rede? Quais as potencialidades da pesquisa na cibercultura que almeja tecer reflexões com homens *gays* com o objetivo de alimentar o campo de estudos de gênero e sexualidade, com ênfase na investigação da performatização das masculinidades dissidentes?

Esse espaço de sociabilidade cria áreas de interesses comuns na medida em que todas as informações são produzidas, movimentadas e consumidas pelos próprios agentes. Observa-se a criação de espaços interconectados com temáticas específicas, por meio de *blogs*, *sites* de relacionamento e compartilhamento de informações, que se entrelaçam em redes complexas de socialização forjada a partir de interesses em comuns de seus participantes (LEMOS; LÉVY, 2010; ZAGO, 2016).

A internet, desse modo, não está apartada do mundo físico, pois é justamente expandida e consumida a partir de interações entre indivíduos que, devido às possibilidades idiossincráticas deste meio, mantém tais espaços de socialização em funcionamento. As relações mediadas pelo digital em rede não são menores ou desprovidas de verdade ou de autenticidade. São construções e interações sociais legítimas que promovem socializações entre pessoas geograficamente dispersas.

A antiga máxima da existência de um mundo virtual “descolado” da realidade não encontra mais sentido na contemporaneidade, estamos conectados e nossas relações e interações se dão também pelo intermédio de dispositivos digitais (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014). O uso desses dispositivos produz diversos efeitos e reconfigura espaço, tempo, comportamentos, relações, condutas e pensamentos (AMARO, 2016) e que promove potências consideráveis para a pesquisa em educação.

Entendido que relações na cibercultura não estão hierarquicamente abaixo das interações face a face e que, socialmente, nos deparamos com novos meios de socialização com características próprias, a condução de uma pesquisa on-line não deve ser questionada nos termos do “por quê?” mas no do “por que não?” Como sujeitos interconectados com outras/os usuárias/os geograficamente dispersas/os, percebemos certa incoerência de tentar desqualificar as interações mediadas pelo digital em rede porque quem produz e compartilha informações para a rede são pessoas de carne e osso (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014).

Ademais, não podemos negar que pesquisar no âmbito das dinâmicas ciberculturais potencializa a forma como produzimos saberes com outras pessoas, uma vez que os processos comunicacionais digitais em rede permitem que ideias sejam “debatidas, confrontadas, tecidas e aprimoradas, com vistas a [...] criar, disponibilizar, discutir e compartilhar suas autorias em rede” (SANTOS; CARVALHO, 2018, p. 34).

Para homens *gays* que performatizam masculinidades dissidentes, a cibercultura apresenta especificidades que merecem ser destacadas quando comparadas às interações face a face. A primeira diz respeito à proteção durante os momentos de interação. Esses homens estão fisicamente mais protegidos de violências desencadeadas por homofobia do que em espaços físicos, uma vez que, ainda hoje em nossa sociedade, relações homoafetivas são alvo de práticas preconceituosas e discriminatórias.

Outra especificidade da rede e, principalmente, dos aplicativos, é oferecer filtros que auxiliam nas seleções de homens com os quais pretende estabelecer uma relação. Desse modo, os espaços eletrônicos permitem reunir homens interessados em outros homens sem o medo, durante suas interações, de serem fisicamente vitimados pela homofobia, além de possibilitar a reunião de um conjunto de outros indivíduos em busca de relações similares, sem que isso represente, necessariamente, a explanação de sua orientação sexual para uma gama mais ampla da sociedade (ZAGO, 2016). Portanto, as interações entre homens que buscam a companhia de outros homens têm no espaço digital uma vasta rede de relações que permitem contatos sem o medo do escárnio e do preconceito, além da própria influência na constituição da singularidade desses sujeitos.

4 BREVES REFLEXÕES FINAIS: PARA NÃO CONCLUIR

Este texto buscou discutir nosso interesse pela conversa on-line como procedimento metodológico na pesquisa com homens *gays* na internet. Alguns desafios teórico-metodológicos apresentados evidenciam a complexidade/especificidade das dinâmicas ciberculturais na produção de um conhecimento voltado, principalmente, para o campo de estudos de gênero e sexualidade.

Em tempos de dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede, não podemos ser ingênuos e acreditar que o ciberespaço é a mera transposição das interações face a face, tampouco, devemos celebrar um vislumbre ilusório de que a rede é o espaço da democratização do saber. Sobre este último ponto, cabe destacar que não são todas as pessoas que hoje podem usufruir de uma infraestrutura técnica minimamente satisfatória capaz de permitir, com destreza, o consumo, a produção e o compartilhamento de arquivos para outras/os internautas.

Pesquisar no contexto das dinâmicas ciberculturais implica reconhecermos que o ciberespaço se encontra em permanente reconfiguração, com suas redes, ampliando-se pelo desenvolvimento e popularização de novas tecnologias, como aplicativos (Tinder, Grindr, Hornet, Scruff etc.) e redes sociais da internet (Facebook, Instagram etc.). Conforme apontamos, a “liberação da palavra” nos permite sair da condição de meros consumidores dos meios culturais, conferindo-nos a possibilidade de produzir/compartilhar informações para usuárias/os de todos os cantos do mundo (LEMOS; LÉVY, 2010).

As novas possibilidades de interação social, em especial, as interconectividades entre indivíduos que, mediados pelo digital em rede, rompem com barreiras geográficas, são hoje cada vez mais dinâmicas em nossa sociedade. Tendo isto em mente, nossas pesquisas e metodologias devem estar (ou deveriam estar) abertas para estas novas e complexas interações.

Faz-se necessário igualmente possibilitar a incorporação de novos métodos e procedimentos que dialoguem com as transformações constantes decorrentes do desenvolvimento acelerado das tecnologias da informação e comunicação. Desse modo, nossa aposta vem sendo reconhecer a conversa on-line como procedimento metodológico alinhada com uma dimensão dialógica e de alteridade que prima pela horizontalidade das vozes na interação com homens *gays* que performam masculinidades dissidentes.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Ivan. Tecnologias digitais e formação de professoras: superando desafios, construindo potencialidades. *In*: AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva (Org.). **Tecnologias digitais nas escolas**: outras possibilidades para o conhecimento. Rio de Janeiro: De Petrus *Et Al*ii; Brasília, DF: CAPES, 2016. p. 89-111.
- BARBOSA, Alexsandra; SANTOS, Edméa; RIBEIRO, Mayra. Diário online no WhatsApp: App-learning em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. *In*: SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela Guedes (Org.). **Diário de pesquisa na cibercultura**: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: Omodê, 2018. p. 111-131.
- BELLO, Alexandre Toaldo; FELIPE, Jane. Delineando masculinidades desde a infância. **Revista Instrumento**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2L4XBRJ>. Acesso em: 8 dez. 2018.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/1VWhF9m>. Acesso em: 29 out. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Tradução de Fernando Thomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2007.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. **Cibercultura, juventude e alteridade**: aprendendo - ensinando com o outro no facebook. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2zRX7KV>. Acesso em: 26 out. 2017.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. “Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”: a relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook. *In*: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.).

Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Paraíba: EDUEPB, 2014. p. 167-184. Disponível em: <https://bit.ly/2wcJuWP>. Acesso em: 6 abr. 2019.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 55-74, maio/out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2P5JGw6>. Acesso em: 2 out. 2018.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com cotidianos: a força das multiplicidades acasos, encontros, experiências e amizades. *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 41-65.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 371-389, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2yhPafM>. Acesso em: 7 abr. 2019.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. *In*: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em educação, 32, 2009, Caxambu. **Anais...**, Caxambu: Espaço Livre, 2009. 16p.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 49-63.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2LNAopD>. Acesso em: 11 jul. 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 8, n. 2, p. 9-42, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/2Y0A9ik>. acesso em: 23 jul. 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

RALEIRAS, Mónica Sofia Costa. **Identidade, Internet e Subjectivação**: Os sites de redes sociais. 2009. 104f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayyu, 2018, p. 21-40.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex. (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 33-47.

SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Autorias partilhadas na interface cidade-redes digitais. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 29-40, jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2MQHAOF>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayyu, 2018, p. 11-13.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; BRITO, Leandro Teofilo. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. *Áskesis*, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 26-38, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2yOboHG>. Acesso em: 3 nov. 2018.

ZAGO, Luiz Felipe. Pornotopias - espaço, mídias e sexualidade. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/32MY0RI>. Acesso em: 24 jul. 2019.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponíveis.com**: sobre como dizer-se homem gay na internet. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Recebido em: 30 de Março de 2018

Avaliado em: 5 de Maio de 2018

Aceito em: 10 de Agosto de 2018



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF). Membro do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NUDES). E-mail: rmuani@yahoo.cl

2 Pós-doutorando (bolsista PNPd/CAPES) e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF). Membro do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NUDES). E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

3 Professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF). Líder do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NUDES). E-mail: ivanamaro.uerj@gmail.com

Como citar este artigo:

ROMEO, Andrea. Lo special account del fenomeno religioso nel dibattito nordamericano. *Argumenta Journal Law*, Jacarezinho – PR, Brasil, n. 29., 2018, p. 15-48. DOI: 10.17564/2316-3828.2018v7n1p13-24



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhual CC BY-SA

